

Clon. A morte de um

A morte de um bode expiatório

17 DEZ 1990

A partir de agosto, o petróleo tornou-se a principal ameaça à estabilidade das economias dos países que precisam importá-lo. No Brasil, ele vem sendo apontado pelo governo como um dos principais responsáveis pela resistência inflacionária. Nos últimos dias, no entanto, o petróleo resolveu mudar de lado: agora é problema dos países produtores.

A cotação do barril do óleo, que estava em US\$ 18 no final de julho, chegou a US\$ 41 no final de agosto, por causa da invasão do Kuwait pelo Iraque. A possibilidade de se chegar a uma solução negociada para o problema do Golfo Pérsico inverteu a tendência dos preços. A Organização dos Países Exportadores de Petróleo (Opep) calcula que, na média, o preço do barril estava em US\$ 27,55 no início deste mês e caiu para US\$ 25,72 no último dia 7.

Na semana passada, o Irã chegou a vender seu petróleo por US\$ 23 o barril; o óleo da Arábia Saudita foi vendido por menos ainda. É esse o preço que a Petrobrás está pagando por boa parte do petróleo que importa, visto que o Irã e a Arábia Saudita, tradicionais fornecedores do País, supriram as necessidades brasileiras que antes eram cobertas pelo Iraque e pelo Kuwait. Há especialistas que admitem que, com uma solução pacífica para o conflito do Golfo Pérsico — que parece cada vez mais provável, à medida que nos aproximamos do dia 15 de janeiro, quando se esgota o prazo concedido a Saddam Hussein para encerrar sua aventura no Kuwait —, o preço do óleo poderá cair para US\$ 15, 13 e até 10 o barril.

Parece mera futurologia ficar “calculando” quanto custará exatamente um barril de petróleo daqui a alguns meses, mas há uma razão muito forte para se dizer que, afastada a ameaça de guerra, a cotação deverá continuar caindo: excesso de oferta. Mais rapidamente do que se podia esperar, os países da Opep conseguiram compensar — e com sobra — os 4,3 milhões de barris diários que o Iraque e o Kuwait deixaram de exportar. A situação chegou a tal ponto que, na quarta-feira, os países da Opep reuniram-se em Viena para discutir formas

que evitem uma queda ainda maior no preço do produto.

A produção atual da Opep é de 22,9 milhões de barris por dia (cerca de 45% da produção mundial), acima dos 22,5 milhões de barris que foram fixados como teto em junho último. Isso quer dizer que, mesmo com a saída do Iraque e do Kuwait do mercado — em razão do embargo imposto pela ONU logo após a invasão —, a Opep está produzindo mais do que o mercado pode absorver. O aumento foi tal que o Irã, segundo estimam os especialistas, tem hoje estocado na costa da Europa um total de 20 milhões de barris, com o objetivo de tirar o máximo proveito de uma eventual guerra no Golfo Pérsico.

É justamente o Irã que, diante da perspectiva de paz no Golfo, defende um corte na produção da Opep, para se voltar ao nível definido em junho. Mas talvez nem isso seja suficiente, pois se prevê que o consumo mundial, no ano que vem, cairá cerca de 2 milhões de barris diários na área abastecida pela Opep, que terá ainda de suportar o retorno do Iraque e do Kuwait ao mercado. Excesso de oferta quer dizer queda de preço.

O presidente Fernando Collor de Mello e seus assessores econômicos continuam a apontar o petróleo — ao lado dos empresários “gananciosos” e de outros fatores externos — como um dos principais responsáveis pela renitência da inflação.

O bode expiatório representado pelo petróleo, como se vê, está morrendo. É hora, pois, de se atacar as verdadeiras causas da inflação. Entre elas, como apontamos há dias, está a irresponsabilidade com que congressistas lidam com o dinheiro público (ver editorial acima). Estão também os governadores e prefeitos que gastam além da capacidade financeira de seus Tesouros e elevam o déficit público de maneira que o governo da União não pode controlar. Está também o próprio limite à reforma do Estado pretendida pelo governo Collor e que esbarra numa Constituição e numa legislação que impedem cortes mais profundos no setor público. O caminho de saída da crise começa aqui dentro, não lá fora.